

Estudo Sobre as Principais Praças de Jaboticabal e Taquaritinga (SP)

A Study on the Most Important Squares of Jaboticabal and Taquaritinga (SP)

PEGOLO, L. C. N.C.¹ e DEMATTÊ, M. E. S. P.²

¹ Mestre pelo CEA - UNESP – Rio Claro - E-mail: lisacabril@ig.com.br

² Profa. Titular Voluntária e Bolsista do CNPq - Departamento de Produção Vegetal – FCAV-UNESP – Via de Acesso Prof. Paulo Donato Castellane, s/n – CEP 14884-900 – Jaboticabal/SP – E-mail: maria@fcav.unesp.br

RESUMO

As praças e os jardins sempre povoaram o imaginário humano. Dentro das cidades, melhoram a qualidade de vida e embelezam a paisagem. Muito importantes no passado, esses espaços verdes têm história e memória próprias, que são pouco lembradas atualmente. O presente trabalho estudou as principais praças de duas cidades do interior paulista – Jaboticabal e Taquaritinga – a fim de verificar que relações vêm ocorrendo entre os habitantes e essas praças no decorrer do tempo. Os resultados obtidos mostraram que, de acordo com a época, maneiras diferentes existem em como as pessoas usufruem das praças de suas cidades. Verificaram-se também poucas semelhanças entre jaboticabalenses e taquaritinguenses, no que diz respeito a como interagem com as suas praças.

Palavras-chave: Praças, Jardins, Paisagem urbana, Memória, Verde urbano.

ABSTRACT

Squares and gardens have always impressed the human imagination. They improve life quality and beautify the landscape in towns and cities. These open areas were crucial in the past and have their own history and memory which are not

enough recalled nowadays. This work was a study of the main squares of two towns – Jaboticabal and Taquaritinga – in São Paulo State-Brazil, with the objective to verify what kinds of relations that had occurred between their inhabitants and these squares across the time. The results showed that, depending on the period, people used their squares and gardens in a different manner. It was found very little similarity in the way of interaction between these two town inhabitants with their respective squares.

Key-words: Squares, Gardens, Urban landscape, Memory, Urban open areas.

INTRODUÇÃO

A ambientação de praças e jardins passa por inúmeras alterações conforme a época, o local e a cultura vigente. Esta última afeta as atividades humanas no que diz respeito ao desenho dos espaços. Houve épocas em que as áreas verdes ocuparam posições nobres na estrutura das cidades. O traçado dos jardins públicos traduzia uma impressão de tranqüilidade e movimento simultâneos, era palco de inusitadas histórias, cenário de diversos acontecimentos.

Desde o momento em que cada povoado ou vila nasceu e cresceu, espaços arborizados foram criados. Alguns desapareceram em meio à trama urbana em crescimento. São exemplos os largos ao redor de capelas, a partir das quais um pequeno povoado iniciou seu desenvolvimento. Em muitos lugares, essas pracinhas perderam-se no tempo, sendo hoje lembradas por meio de marcos, obeliscos ou cruzeiros que indicam o local de origem da cidade. "A edificação de uma capela era prioridade no princípio de um assentamento urbano (de acordo com a tradição brasileira e com a legislação urbana da época). Era sintoma de que a localidade já contava com população significativa e que carecia de espaço para suas práticas religiosas." (MARTINS, 1995). Entretanto, em outros locais, a pequena praça inicial resistiu ao tempo e ao crescimento contínuo da malha urbana, sendo hoje um espaço significativo nos contextos urbanístico, social e cultural da cidade (em muitos casos, tornou-se o jardim principal, a praça da matriz).

Em muitas cidades do interior paulista, as praças públicas, atualmente, são menos utilizadas do que foram no passado. Por outro lado, deficiência de cuidados de manutenção ocorre comumente, o que leva a um desinteresse ainda maior por esses espaços livres.

Este artigo é o resultado de um estudo sobre algumas praças de duas cidades paulistas – Jaboticabal e Taquaritinga – com o objetivo de contribuir para o resgate da vivência e da memória, em benefício da qualidade de vida e do enriquecimento da cultura local. A escolha dessas duas cidades como objetos de estudo foi motivada por: proximidade geográfica entre ambas; áreas urbanas semelhantes nas dimensões e no traçado; datas de origem aproximadas; número de habitantes semelhante. Além disso, as

duas cidades são familiares às autoras, o que pode favorecer melhor interpretação dos dados levantados .

As praças estudadas foram escolhidas por estarem presentes no desenho das duas cidades há várias décadas. Foram usufruídas de diversas maneiras no decorrer dos anos, assumindo diferentes vocações conforme as épocas e permitindo as comparações desenvolvidas nesta pesquisa.

MÉTODO

As áreas de estudo foram as cidades de Jaboticabal e Taquaritinga, localizadas na região nordeste do Estado de São Paulo. Nessas cidades, foram escolhidas para análise as praças públicas mais antigas, localizadas no centro.

Os dados foram obtidos em bibliografia pertinente ao tema da pesquisa, mapas, manuscritos, arquivos, documentos, relatórios, desenhos, fotografias, depoimentos orais e observações *in loco*.

Os depoimentos orais, cerca de 20 em cada cidade, foram conseguidos informalmente com as pessoas presentes nas praças no momento em que os levantamentos estavam sendo feitos. Para cada pessoa que se dispôs a falar, a conversa decorreu de uma forma diferente, mas alguns questionamentos foram mantidos em todos os casos: se a pessoa era freqüentadora habitual da praça; o que sentia sobre essa e outras praças da cidade; se estava preocupada com a manutenção dessas praças. No caso de o entrevistado ser pessoa mais idosa, como percebeu as transformações ocorridas. Cada entrevistado conduziu a conversa como quis. Essa mesma forma de abordagem também foi utilizada com as pessoas que cederam material escrito e fotográfico para o trabalho. Não foram aplicados questionários pois estes podem trazer respostas induzidas ou muito objetivas, que pouco exploram a faceta mais subjetiva buscada na pesquisa em questão. Não foi objetivo proceder a uma amostragem para avaliar a opinião dos usuários, mas somente utilizar os depoimentos espontâneos como fonte de informação, enriquecendo o material de consulta pesquisado.

Com referência às observações de campo, em primeiro lugar, percorreu-se cada uma das praças estudadas a fim de coletar a maior quantidade possível de informações visuais. Foram feitas anotações e fotografias. Observou-se a dinâmica de uso em cada praça estudada, em diferentes dias da semana. Foram também avaliados os cuidados dispensados a essas praças.

Os espaços verdes urbanos – jardins, praças, passeios – participam da história humana desde épocas remotas, e sua imagem sempre esteve relacionada ao ideal de bem-estar e felicidade. Existe vasta literatura dedicada à história das praças e jardins (entre outros, WRIGHT, 1934; LAURIE, 1978; JOYCE, 1986; ENGE & SCHRÖER, 1992; SITTE, 1992; JELICOE & JELICOE, 1995; SOUZA, 1995; SEGAWA, 1996; MACEDO, 1999). De acordo com a literatura mítica-religiosa, o homem nasceu em um jardim – o Éden. É parte do nosso legado cultural e do inconsciente coletivo o gosto pelos jardins. Para diversos autores, a história das praças está diretamente vinculada à evolução dos jardins; para outros, existe essa ligação, mas não em sentido evolutivo.

No Brasil, a presença de praças é muito antiga, remontando aos primeiros séculos da colonização e exercendo a função de valorizar e organizar o espaço. As praças, no Brasil colonial, muitas vezes chamadas de largos, estavam associadas aos adros das igrejas, servindo para reunião de pessoas e diversas atividades, não só religiosas como também de recreio, mercado, políticas e militares. (Reis Filho e Marx, apud DE ANGELIS, 2000).

Os primeiros registros sobre ajardinamento urbano no Brasil, em desenhos de Frans Post, são da primeira metade do século XVII, em Recife sob domínio holandês, durante o governo do príncipe Maurício de Nassau. Mas foi somente com a vinda do príncipe regente Dom João VI e da corte portuguesa, em 1807, que teve início a história documentada do paisagismo brasileiro. (Harry Blossfeld, apud MATTHES, 1994). A arte paisagística brasileira encontrou seu apogeu nos anos 40, com os trabalhos de Roberto Burle Marx (MOTTA, 1983).

JABOTICABAL

A cidade

Perdura em mim o espírito dos paulistas

(Perdurat in me paulistarum spiritus, do Brasão de Armas do município)

Situa-se a 21°15'22" de latitude sul e 48°18'58" de longitude oeste, em altitude entre 555 e 626 metros. O município abrange 708,6 km², com 33 km² de área urbana e população de 67.389 habitantes. O clima é o *Cwa* da classificação de Köppen, subtropical mesotérmico com verão úmido e inverno seco. O solo predominante no município (47% do território) é o latossolo vermelho escuro fase arenosa, considerado bom para agricultura. O latossolo roxo, muito bom para agricultura, constitui 37% do território. A maior produtividade brasileira de amendoim é a de Jaboticabal, mas, como muitas outras cidades da região, sua economia é fortemente embasada na agroindústria

canavieira. Jaboticabal também tem a maior produção de artefatos de cerâmica do Brasil.

Informações históricas, geográficas, sócio-econômicas e culturais sobre Jaboticabal são encontradas em POLI (1986), FREITAS (1978), CAPALBO (1978 e 1997), ANDRADE (2000) e JABOTICABAL (2002).

O nome da cidade, que significa "bosque de jabuticabeiras", refere-se a um conjunto dessas árvores nativas que havia dentro do primeiro perímetro demarcado e que ainda existe, onde atualmente é o Bosque Municipal. Jabuticaba é palavra de origem tupi (*iaouti kaua* = fruto que o jabuti come).

Fundada em 1828 por João Pinto Ferreira, Jaboticabal recebeu, inicialmente, forte influência de migrantes de origem portuguesa vindos de Minas Gerais e, mais tarde, de imigrantes italianos, espanhóis, árabes e japoneses. TELAROLLI (1991), professor do Campus de Araraquara da Universidade Estadual Paulista (Unesp), fez interessantes relatos sobre a presença dos italianos em Jaboticabal.

Seus principais cognomes são "Cidade das Rosas" e "Athenas Paulista". O primeiro foi, em parte, inspirado na beleza das mulheres jaboticabalenses, famosa desde a década de 20. O segundo deve-se a ter sido a cidade um importante centro cultural. "O que mais me impressionou em Jaboticabal foi a cultura de seu povo" (Menotti Del Picchia, 1932, apud ANDRADE, 2000). Ainda hoje, é destaque em educação e cultura. A taxa de analfabetismo é relativamente pequena, de 7%. Entre as instituições de ensino superior, conta com um campus da Unesp, a Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, de grande projeção no meio científico e tecnológico.

As áreas verdes

A influência da Unesp, por meio de seus professores, alunos e funcionários, está presente no verde da cidade, seja no levantamento de informações necessárias à conservação e ao planejamento, seja em projetos implantados. Alguns ex-alunos da Unesp fazem parte, hoje, das equipes responsáveis pela arborização viária e pelos espaços livres.

Um fato curioso a esse respeito é a obrigatoriedade de plantio de uma ou mais jabuticabeiras nas novas praças públicas, estabelecida pela Lei nº 2014 de 12 de setembro de 1991 e assinada pelo então prefeito José Giacomo Baccarin, professor da Unesp. O número atual de jabuticabeiras existentes na zona urbana é de 3578 (ANDRADE, 2000).

Jaboticabal tem 40 praças, com pavimentação e guias, iluminação, água para irrigação, bancos e outros equipamentos. Tem também três unidades de conservação

(bosques). A arborização de vias públicas é bem diversificada, com 116 espécies e um total de 7045 árvores (SILVA FILHO, 2002). No final da década de 80, BIANCHI (1989) calculou que o total de suas áreas verdes era de 370.650 m², sem contar com os 3.500.000 m² do parque da Unesp, fora do perímetro urbano.

As praças estudadas

Grande parte das informações históricas aqui resumidas tiveram como fonte CAPALBO (1997).

Praça Dom Assis (antes Largo do Rosário e Praça da Bandeira)

Com área de 5400 m², é a praça mais antiga da cidade. Em 1887, quando se iniciou a urbanização da Vila de Jaboticabal, foi colocado no local, então Largo do Rosário, um alto cruzeiro de madeira para demarcar a construção da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Porém, o material de construção foi furtado, e o templo não foi erguido.

Em 1909, transformou-se em campo de futebol e, em 1929, foram ali plantados eucaliptos. Durante anos, os principais freqüentadores do Largo eram, durante o dia, estudantes, com seus jogos e brincadeiras, e boêmios à noite, divertindo-se ao som de músicas de Cornélio Pires, mazurcas italianas e tangos. Nas noites de lua minguante, o antigo cruzeiro era iluminado por velas votivas.

Essa praça tem, hoje, aparência singela e agradável. Os antigos eucaliptos foram erradicados entre 1949 e 1950, mas a praça está bem arborizada. Entre diversos equipamentos, há uma fonte luminosa. Um antigo bebedouro para cavalos e o antigo cruzeiro ainda fazem parte da praça, e este ainda recebe velas, pedidos, oferendas e imagens quebradas.

A proximidade do Mercado Municipal e de outros estabelecimentos comerciais fazem dessa praça local de passagem para alguns e de breve descanso para outros. Os idosos são seus freqüentadores mais assíduos, e ali se reúnem para conversar, jogar damas, cartas, ou, simplesmente, estar, oferecendo uma imagem de alegria e fruição. O músico e poeta João Leal Fragoso ("*... não vou deixar morrer meu pé de ipê-amarelo*") freqüenta a praça diariamente.

Praça Nove de Julho (antes Praça Tibiricá e Praça do Centenário)

Localizada na parte mais movimentada da cidade, com área de 4500 m², é mais conhecida como a "praça dos bancos", por estar rodeada pelas principais agências bancárias.

Em fins do século XIX, havia ali o primeiro cemitério local. Quando foi desativado, o lugar permaneceu abandonado durante alguns anos. Em 1909, iniciou-se ali a construção de um jardim. O projeto, de autoria do Dr. Robert Todd Locke, previa um chafariz que jamais foi construído. A arborização foi feita com murta, e calçadas de grande largura emolduraram a praça, abastecida com água encanada. Em 1910, recebeu iluminação elétrica.

Nos anos 30, a praça servia de palco para animado "footing", e julgou-se que necessitava de reforma. Algumas árvores foram erradicadas (e encontradas ossadas do antigo cemitério), o piso recebeu pavimentação de mosaico português (Figura 1), foi instalada rede de energia subterrânea e a praça ganhou belas luminárias.



Figura 1. Praça Nove de Julho, Jaboticabal, SP.

Acima: em 1935, então Praça do Centenário (arquivo particular de Clóvis Roberto Capalbo).

Abaixo: em 2002 (foto de Maria Esmeralda Demattê).

Hoje, essa praça perdeu muito do seu encanto. Antigas e imponentes construções que a ladeavam foram descaracterizadas ou desapareceram. Os canteiros, agora elevados, e os numerosos equipamentos fragmentam o espaço: perde-se a sensação de estar em um largo. Em vez do antigo lugar de passeio e convívio, é agora ponto de negócios e lugar de passagem. Mas seus assentos ainda são muito disputados. Nos finais

de semana, a praça permanece tranqüila e quase vazia. Entre as praças estudadas, é a única que não tem rebaixamento de guias para acesso de deficientes físicos.

Praça Dr. Joaquim Batista (antes Jardim Público e Praça da República)

*Na velha praça da cidade nova
ainda florescem as rosas do meu tempo.*

(Do soneto "Jaboticabal revisitada", de Benedito Ferri de Barros, apud CAPALBO, 1978)

É a maior de todas, com 23.400 m². Situa-se no local onde começou o traçado urbano da cidade. Em setembro de 1899, atendendo ao desejo da população, iniciou-se a construção de um jardim ao redor da antiga Igreja Matriz, sob a responsabilidade do Dr. Robert Todd Locke., tendo sido inaugurado em 1902. A Figura 2 mostra uma vista da parte central da praça em 1906, comparada com a vista atual. Em 1910, quando Jaboticabal substituiu seus lampiões de querosene por luz elétrica, o acontecimento foi comemorado nesse jardim, com a presença de cerca de 4000 pessoas.





Revejo, com saudade a empanar-me os olhos da imaginação, a velha Jaboticabal da minha infância.

*Foi ontem e já vai tão distante! Que é feito de vós,
velhos quadros familiares das minhas retinas juvenis?*

(Oswaldo Poli, 1938, apud ANDRADE, 2000, p.26).

Figura 2. Praça Dr. Joaquim Batista, Jaboticabal, SP.

Acima: em 1906, então Praça da República (arquivo particular de Clóvis Roberto Capalbo).

Abaixo: em 2002 (foto de Maria Esmeralda Demattê).

Essa praça tem sido o principal local de entretenimento dos jaboticabalenses. Em passado recente, aos domingos, as bandas marciais Pietro Mascagni e Gomes & Puccini, consideradas as melhores do Estado de São Paulo na década de 60, deleitavam o público com suas famosas retretas no belo coreto (outro cognome de Jaboticabal é "Cidade da Música"). A praça também serviu de palco para várias manifestações políticas.

Localizada em um lugar tranqüilo do centro da cidade e apresentando grande quantidade de elementos decorativos e marcos históricos, é usufruída para descanso e passeios. Aí, elementos vegetais também estão ligados à memória. Algumas roseiras lembram a "Cidade das Rosas". Um dos monumentos é um grande cedro (*Cedrela fissilis* Vell.) plantado pelos pracinhas jaboticabalenses quando voltaram da Segunda Guerra

Mundial.

O tratamento paisagístico é nitidamente dividido em dois estilos. Na parte superior, tem traçado renascentista e na inferior, mais antiga, assume a forma de um bosque com árvores antigas. Alguns depoimentos mencionam o que talvez seja uma lenda: Roberto Burle Marx, quando jovem, teria visitado Jaboticabal e oferecido sugestão para compor essa parte mais natural da praça.

Praça Dom José Marcondes Homem de Mello (antes Largo São Benedito)

Abrange 8100 m². As construções vizinhas são, quase todas, residências, exceto em um dos lados, onde está o Jaboticabal Shopping, instalado em uma antiga fábrica restaurada.

Originou-se, no final do tempo do império, como largo junto à antiga Capela de São Benedito. Foi cenário de batuques, congadas e festas. Em 1900, o largo era circundado por frondosas amoreiras.

Hoje, é uma praça agradável e bem arborizada, onde está a Igreja de São Benedito. Em vez das amoreiras, tem hoje belas e enormes figueiras (*Ficus elastica* Roxb.), que, infelizmente, sofrem podas por invadirem áreas de trânsito. É mais um local de passagem do que de permanência, mas nas noites de fins de semana é usufruída por jovens. Os dias aí são tranquilos. Um casal de papagaios choca todos os anos nas árvores da praça. O taxista Odilon Aparecido de Souza idealizou um pequeno bebedouro ao lado do ponto de táxi, onde pássaros, cães e gatos vêm se refrescar.

TAQUARITINGA

Tu és a terra de nossos pais.

(Do Hino de Taquaritinga, Padre Lourenço Cavallini)

A cidade

Está localizada a 21^o24'44" de latitude sul e 48^o29'53" de longitude oeste, e a altitude, na sede, é de 532 metros. O município abrange 582 km² e a área urbana, 28,83 km². Tem 54.425 habitantes. O clima é o *Cwa* de Köppen. Predominam solos originados do Arenito de Bauru, em terrenos ondulados. Seus principais produtos agropecuários são cana-de-açúcar, laranja e rebanhos bovino e suíno.

Nos arquivos da Câmara Municipal de Taquaritinga (CÂMARA DE TAQUARITINGA, 2002), existe o primeiro livro de atas local, onde consta a seguinte inscrição: "Saiba a posteridade que este livro do registro de atas da Câmara Municipal da Vila de Ribeirãozinho, a partir da instalação da sua primeira Câmara em 22/12/1892, foi recuperado pelo Secretário interino da Prefeitura José Romanelli, em janeiro de 1935, quando pretendiam incinerá-lo por ser considerado velho e inútil". O resgate da história de Taquaritinga, com base nos documentos que restam, deve-se ao Prof. Arnaldo Ruy Pastore.

Foram fundadores de Taquaritinga Bernardino José de Sampaio e outros, em 1868. As principais influências étnicas em sua população foram portuguesa, italiana, espanhola, síria, japonesa, alemã, armênia e judia.

O nome da cidade é de origem tupi (*ta coara i tinga* = taquara fina branca). A Lei Municipal nº 1714, de 14 de agosto de 1981, declara Árvore Municipal o coqueiro (*Cocos nucifera* L.), planta que evoca o primeiro nome da terra, São Sebastião dos Coqueiros.

Informações sobre a cidade podem também ser encontradas em PREFEITURA MUNICIPAL DE TAQUARITINGA (2002). Entre suas diversas escolas, há duas de ensino superior (Faculdade de Tecnologia de Taquaritinga – FATEC – e Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior – ITES) e uma de arte. A Banda de Música Santa Cecília existe há 64 anos. Em 1993, época de decadência dos cinemas no interior paulista, Taquaritinga destacou-se por ser a cidade piloto do Projeto Cinema Paradiso, desenvolvido pela Secretaria Estadual de Cultura.

As áreas verdes

Não atribuir valor a documentos importantes tem sido um fato que se repete ao longo do tempo em Taquaritinga, como bem ilustra o episódio do primeiro livro de atas (CÂMARA DE TAQUARITINGA, 2002). Desenhos, mapas antigos e fotografias de praças e jardins públicos têm sido descartados por administradores, para desocupar espaço.

Pouco material para pesquisa foi encontrado. A administração pública não dispõe de um departamento nem de profissionais para assuntos ambientais. As informações de Miguel Anselmo Neto foram fundamentais para este estudo.

A cidade tem 58 praças, muitas das quais com problemas de implantação ou manutenção. Um exemplo é a situação da Praça Guilherme Franco (Praça Portugal), uma grande área (15.708 m²) existente desde a década de 80 em um dos bairros, mas ainda

vazia. O projeto mais recente criado para essa praça é do renomado arquiteto Benedito Abbud, nascido em Taquaritinga. O projeto não foi implantado, e sua cópia não está nos arquivos da Prefeitura.

As praças estudadas

Praça Centenário

Com área de 7349,54 m², é uma das praças mais antigas de Taquaritinga, datando do final do século XIX ou do início do século XX. Era ladeada por construções de linhas ecléticas, algumas muito belas e que ainda existem, agora como pontos comerciais. Desde o princípio, sua vocação foi a de recreação e de ponto de encontro. Nas décadas de 20 a 40, era o centro das festividades religiosas mais importantes ligadas à Igreja de Nossa Senhora Aparecida, presente na praça.

Seu desenho antigo, bastante geométrico, era diferente do atual (Figura 3). Arbustos podados em forma globosa completavam o estilo formal. No presente, os caminhos são curvilíneos, há árvores grandes, uma fonte luminosa e acesso para deficientes físicos em todos os lados. Entretanto, durante o dia, é usufruída apenas por pequeno número de pessoas, em geral idosas, sendo para a maioria apenas um local de passagem; à noite permanece quase vazia, exceto nas proximidades de um bar muito popular, onde se encontram mesas e cadeiras na calçada.



Figura 3. Praça do Centenário, Taquaritinga, SP.

Acima: na década de 30 (arquivo particular da família Lui).

Abaixo: em 2002 (foto de Maria Esmeralda Demattê).

Praça Dr. Horácio Ramalho (antes Jardim Público e Praça Nove de Julho)

Terra paulista! Se não posso amá-la o quanto devo, quero ao menos amá-la o quanto posso. (Verso de Alcântara Machado em placa no obelisco ao Soldado Constitucionalista de 32, ofertado pelo Dr. Horácio Ramanho e presente nessa praça)

Próxima à Praça Centenário, tem área de 6921,48 m². No século XIX, era o cemitério municipal, mais tarde transferido para lugar afastado do centro. Na década de 40, já se apresentava como um jardim de linhas orgânicas, bem arborizado, provido de bancos com encosto e um belo coreto, onde se apresentavam bandas para os numerosos freqüentadores. Muitas das árvores aí existentes foram plantadas por moradores da cidade.

A praça passou por muitas transformações e até diminuiu de tamanho, para dar lugar a bolsões de estacionamento. O coreto hoje existente, mais simples, não agrada àqueles que se lembram do antigo. Durante o dia, a praça é agora lugar de passagem. Nela param apenas alguns moradores mais idosos e amigos que se reúnem ao redor do ponto de táxi.

Praça Dr. Aimone Salerno (antes Largo da Matriz e Praça da Matriz)

Com 7786,85 m², essa praça é mais nova que as já comentadas. Foi idealizada nos anos 50 para servir de cenário a uma edificação de enorme importância para os taquaritinguenses, a Igreja Matriz de São Sebastião. Anteriormente, o largo ao redor da igreja, ainda vazio, era utilizado para missas campais, quermesses e festas (Figura 4). Com o ajardinamento, o largo perdeu espaço livre.

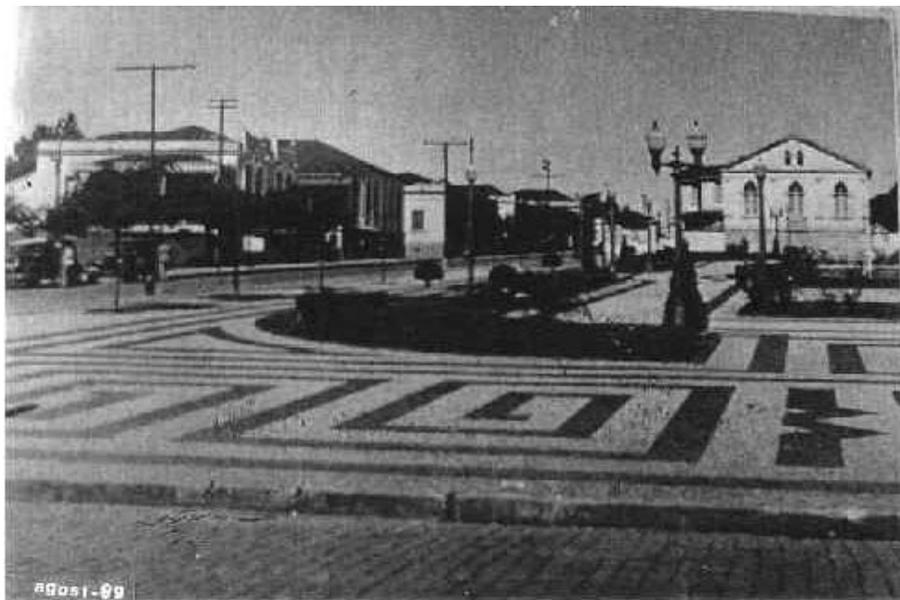


Figura 4. Praça Dr. Aimone Salerno, Taquaritinga, SP.

Acima: nos anos 50, então Largo da Matriz (arquivo particular da família Lui).

Abaixo: em 2002 (foto de Maria Esmeralda Demattê).

Nos anos 60 e 70, a Praça da Matriz era lugar de encontro, recreação e lazer. Na década de 80, a frequência diminuiu e, gradativamente, a praça foi ficando solitária. Seu entorno compõe-se, predominantemente, de residências. Um obelisco de pedras, erigido em 1957 por um casal para simbolizar suas bodas de diamantes, ainda é procurado por devotos de Nossa Senhora, que ali acendem velas, como em um altar a céu aberto.

COMENTÁRIOS FINAIS

A exemplo do que tem ocorrido com outras cidades brasileiras, a pesquisa mostrou que, atualmente, as praças estudadas nas duas cidades não mais são usufruídas como em tempos passados. Antigamente, eram o centro dos acontecimentos políticos e das festividades religiosas, de atos cívicos e sociais. Nos finais de semana, moradores das zonas urbana e rural dirigiam-se às praças, pois ali havia diversão, o lazer de outras épocas, os encontros, o início de muitas histórias e o fim de outras tantas. O tempo passou e trouxe consigo mudanças, inclusive de hábitos e costumes. As praças foram deixando de ser um espaço prioritário de recreação.

Hoje em dia, a maioria das pessoas tem outras necessidades e sente o mundo ao seu redor de modo diferente. Isso não significa que os espaços verdes urbanos precisem cair no esquecimento, pois são ecologicamente importantes, e novos usos podem ser estendidos a eles, com equipamentos adequados. Instigando-se novas formas de percepção do ambiente urbano, seria possível ampliar as relações positivas da população com a paisagem. O apreço pelos espaços verdes poderia ser resgatado, mesmo que as pessoas não mais se utilizassem deles da forma como o faziam antes. Dois pontos não devem ser esquecidos: a constante participação do Poder Público e a conscientização.

Jaboticabal pode ser admirada pelo respeito que um número considerável de seus habitantes nutre pela cidade. Há farta documentação de sua história e memória viva. Crianças e adolescentes são estimulados a pesquisar sobre sua cidade, e todos têm acesso às publicações locais. Apesar de as praças não serem mais vivenciadas como antigamente, recebem serviços adequados de manutenção.

Em Taquaritinga, ao contrário, a coleta de informações encontrou um forte obstáculo: a escassez de fontes de pesquisa. Um fato intrigante é que existem taquaritinguenses com vastíssima cultura geral e imenso conhecimento local; dispõem-se a prestar informações oralmente mas, por motivos particulares, não o fizeram por escrito. As praças estudadas carecem de cuidados de manutenção: falhas no gramado, lixo acumulado em alguns pontos, falta de identificação de marco histórico e fonte sem funcionamento foram algumas das deficiências observadas. A caiação dos troncos de árvores e palmeiras, prática já abandonada em Jaboticabal há muitos anos, ainda é feita em Taquaritinga, prejudicando fortemente a beleza dos espaços arborizados.

Constatou-se, nas duas cidades, que quase todas as suas praças mais antigas eram, no passado, espaços bastante abertos, verdadeiros largos, e hoje tendem mais à fisionomia de bosques. Com base no exposto por SEGAWA (1996), são hoje muito mais jardins, lembrando "fragmentos da natureza" no meio urbano, do que praças, espaços propícios a atividades comunitárias.

Se, por um lado, os espaços não são mais tão amplos e a vista não mais tão

abrangente, por outro lado, o sombreamento e o frescor produzidos pelas árvores proporcionam conforto em um clima de verão severo como é o dessas cidades.

Nunca se esquece a brisa refrescante

De um verão, às vezes, muito quente

Que aquece a terra roxa

(José Raposo do Amaral, poeta jaboticabalense, em "Minha terra", apud CAPALBO, 1978)

Também a beleza dos conjuntos arbóreos é indiscutível, evocando as florestas primitivas da região, hoje quase desaparecidas (POLITANO et al., 1980). Além da evidente função ecológica, o valor paisagístico dessas florestas era extraordinário e foi registrado por visitantes estrangeiros no século XIX. "As florestas nativas constituem a parte mais interessante das paisagens do Brasil" (RUGENDAS, s.d.). Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), viajando pela região onde estão hoje Jaboticabal e Taquaritinga, lançou um olhar muito mais generoso sobre a flora do que sobre os assentamentos urbanos, suas construções e seus habitantes (SAINT-HILAIRE, 1976, data de publicação da versão em português). O que existe de representativo da natureza na vegetação das praças estudadas é um forte elemento a ser explorado para recriar o elo afetivo com a população.

Este trabalho aponta como possível e desejável o resgate da história detalhada das praças estudadas. Elas permanecem como parte integrante da paisagem dessas cidades, como pequenos universos impregnados de memórias e encantos. As duas cidades têm potencial para conservá-los e melhorá-los. Em ambas, não faltam boas idéias nem o amor latente em seus habitantes.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, D. M. *Jaboticabal, jaboticabeira, jaboticaba: achegas para o conhecimento*. Jaboticabal: Funep, 2000. 122p.
- BIANCHI, C. G. *Caracterização e análise das áreas verdes urbanas de Jaboticabal, SP*. 1989. 62f. Monografia (Trabalho de Graduação em Agronomia) – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal.
- CÂMARA DE TAQUARITINGA, História. Disponível em [_ HYPERLINK "http://www.lcamarataquaritinga.sp.bov.br/index_arquyvis/nossahistoria.htm."](http://www.lcamarataquaritinga.sp.bov.br/index_arquyvis/nossahistoria.htm)

http://www.lcamarataquaritinga.sp.bov.br/index_arquyvis/nossahistoria.htm. Acesso em 7 fev. 2002.

CAPALBO, C. R. *A história de Jaboticabal – 1828-1978*. Jaboticabal: edição do autor, 1978. 532p.

CAPALBO, C. R. *A história de Jaboticabal – 1979-1997 – e outras histórias (1979-1997)*. Jaboticabal: edição do autor, 1997. 505p.

DE ANGELIS, B. L. D. *A praça no contexto das cidades: o caso de Maringá – PR*. 2000. 367f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ENGE, T. O., SCHRÖER, C. F. *Garden architecture in Europe: 1450-1800*. Köln: Taschen, 1992. 236p.

FREITAS, S. O. de. (Ed.). *Jaboticabal, SP – Brasil: edição do sesquicentenário*. São Paulo: Edições Populares, 1978. 100p.

JABOTICABAL. Disponível em <_ HYPERLINK <http://www.jaboticabal.com.br> _>. Acesso em 7 fev. 2002.

JELICOE, G., JELICOE, S. *El paisaje del hombre: la conformación del entorno desde la prehistoria hasta nuestros días*. Barcelona: Gustavo Gili, 1995. 408p.

JOYCE, D. (Ed.). *Garden styles: an illustrated history of design and tradition*. London: Pyramid, 1986. 192p.

LAURIE, M. *An introduction to landscape architecture*. London: Pitman, 1978. 214p.

MACEDO, S. S. *Quadro do paisagismo no Brasil*. São Paulo: FAUUSP, 1999. 144p.

MARTINS, A. L. (Coord.). *Guariba: 100 anos - 1895-1995*. São Paulo: Prefeitura Municipal de Guariba, 1995. 231p.

MATTHES, L. A. F. Palms used in Brazilian landscape planning. *Acta Horticulturae*, v.360, p.245-250, 1994.

MOTTA, F. L. *Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem*. São Paulo: Nobel, 1983. 197p.

POLI, F. N. *Listagem básica dos bens culturais relevantes situados no centro comercial – Jaboticabal – SP*. 1986. 231f. Monografia (Trabalho de Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Instituição Moura Lacerda, Ribeirão Preto.

- POLITANO, W., CORSINI, P. C., GASQUES, J. G. Ocupação do solo no município de Jaboticabal. *Científica*, v.8, n.1/2, p.27-34, 1980.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE TAQUARITINGA. Disponível em <_ HYPERLINK <http://www.prefeiturataqua.hpg.ig.com.br> [_http://www.prefeiturataqua.hpg.ig.com.br_](http://www.prefeiturataqua.hpg.ig.com.br)>. Acesso em 7 fev. 2002.
- RUGENDAS, J. M. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do Livro, s.d. 271p.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem à província de São Paulo*. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976. 229p.
- SEGAWA, H. *Ao amor do público: jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel / FAPESP, 1996. 255p.
- SILVA FILHO, D. F. da. *Cadastramento informatizado, sistematização e análise da arborização das vias públicas da área urbana do município de Jaboticabal, SP*. 2002. 81f. Dissertação (Mestrado em Agronomia, Área de Concentração em Produção Vegetal) – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal.
- SITTE, C. *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. São Paulo: Ática, 1992. 236p.
- SOUZA, S. K. P. Jardins e cidades: caminhos do paisagismo, da jardinagem ao projeto ambiental. *Revista Projeto*, n. 190, p.1-2, 1995. 2p.
- TELAROLLI, R. *Os que dizem "addio" não olham para trás: fragmentos da vida de Anselmo e Adele Bellodi no Brasil, no centenário de sua chegada, 1891-1991*. Jaboticabal: edição do autor, 1991. 304p.
- WRIGHT, R. *The story of gardening*. New York: Dover, 1934. 474p.